

## Marcação de passado em cabo-verdiano: cruzamentos morfológicos

### Markedness of the past tense in Cape Verdean language: morphological crossings

Diltino Ferreira<sup>1</sup>  
Márluce Coan<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata do uso ou não da morfologia verbal do português em cabo-verdiano, especificamente na codificação de situações passadas. Partimos do pressuposto de que algumas propriedades do sistema linguístico da língua portuguesa são inseridas na língua cabo-verdiana, considerando-se o contexto de bilinguismo e diglossia em Cabo Verde, o que verificamos ao considerar dados escritos, provenientes da *webpage* <https://www.dexamsabi.com>, e orais, advindos do telejornal *Cabo Verde Magazine*. Observamos percentual maior de divergências, mantendo o cabo-verdiano sua morfologia aspectual para codificação de situações passadas, porém há morfologia suplantada, principalmente na codificação de situações imperfectivas e de situações perfectivas com participio passado, o que conduz à caracterização do fenômeno como um caso de cruzamento linguístico.

**Palavras-chave:** língua cabo-verdiana; língua portuguesa; aspecto; passado.

**Abstract:** This article deals with Portuguese verbal morphology in Cape Verdean focusing the codification of past situations. We consider that some properties of the Portuguese linguistic system are inserted in the Cape Verdean language, considering the bilingual and diglossic context that we verified through the written data from the webpage <https://www.dexamsabi.com> and oral reports of the television news Cabo Verde Magazine. We observed a higher percentage of divergences of which Cape Verdean maintains its aspectual morphology to codify past situations, but there is a supplanted morphology, mainly in imperfective situations and perfective with past participle, which leads to the characterization of the phenomenon as a case of linguistic crossing.

**Keywords:** cape verdean language; portuguese language; aspect; past tense.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: [diltino.f@gmail.com](mailto:diltino.f@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: [coanmalu@ufc.br](mailto:coanmalu@ufc.br).

## **Introdução: caracterização e contextualização da proposta**

Com o propósito de investigar a morfologia verbal em uso para codificação de eventos passados em língua cabo-verdiana, especificamente da variedade de Santiago, centramo-nos em análise de convergências e divergências entre o português e o cabo-verdiano. Interessam-nos situações em que morfemas verbais prototípicos do português aparecem em formas verbais do cabo-verdiano, como é o caso do morfema *-ia*, que, em português, codifica o pretérito imperfeito em verbos de segunda e terceira conjugações, evidenciando convergência morfológica nas duas línguas. Por outro lado, também nos concentramos em contextos nos quais a morfologia basilectal do cabo-verdiano é mantida, por exemplo, com o uso de *-ba* para codificação de anterioridade imperfectiva (durativa/não terminativa), já que o sistema verbal cabo-verdiano centra-se na categoria aspecto, sobre a qual discorreremos mais adiante. Como observa Lang (2001, p. 240), “os morfemas verbais determinam efetivamente não o verbo, mas sim a totalidade do sintagma verbal”.

Pautamo-nos, a priori, na descrição feita por Veiga (1982), cuja pretensão foi a de apresentar variedades mais basiletais, por isso não deve ter incluído casos de morfologia suplantada do português, a língua lexificadora, mas é fato que formas em *-ia*, sobretudo com verbos auxiliares/modais (*debia, podia*), muito provavelmente existam em Santiago desde o século XIX. Também Holm & Swolkien (2009) e Lang (2018) observam que a forma verbal *era* é antiga, talvez tão antiga quanto a língua. Quint (2000) chama-nos a atenção para o fato de que a estrutura aspectual varia devido ao tipo de verbo: verbos estáticos (*verbos fortes*) e verbos não estáticos (*verbos fracos*), assim certos usos afetam mais um conjunto de verbos do que outro.

Ao lado dessas observações de similaridade ao português, há outras, como a que envolve o sufixo *-ba*, cuja etimologia, segundo Baptista (2002), ainda não é um consenso entre os crioulistas: Duarte (1961) e Quint (2000) defendem que sua origem resulta da forma *-va* do imperfectivo do português; Bickerton (1981) sugere que *-ba* origina de *kaba* [acabar/terminar]; já Peck (1988) afirma que o sufixo *-ba* tem origem no guineense, considerando que línguas africanas como manjaco, bambara, mandinga, diola marcam o aspecto perfectivo com morfemas que apresentam semelhanças morfo-fonológicas: *ban* no manjaco e no diola; *kaban* nas línguas mandinga e bambara.

Para Duarte (2003), a partir dos fins do século XV, inícios do século XVI, desenvolveu-se em Cabo Verde uma língua de contato, a que se chama proto-crioulo da Alta Guiné, língua que se ramificou dando origem ao crioulo cabo-verdiano, da Guiné-bissau, de Casamansa e ao papiamento (Curaçau). O cabo-verdiano é considerado uma língua crioula

por ter surgido a partir de um superestrato linguístico (o léxico português) e das línguas de substrato (línguas africanas). Para alguns estudiosos, a língua cabo-verdiana teve sua origem de um pidgin de base lexical portuguesa do oeste africano; para outros, teve sua origem a partir de uma língua franca do Mediterrâneo – o *sabir* (BESTEN; MUYSKEN; SMITH, 1994).

As línguas crioulas tendem à aproximação ao superestrato, por incorporarem características da língua lexicalizadora, perderem características de crioulo basilectal (mais conservador) e passarem a ter uma base acroletal (mais semelhante à língua de superestrato), mudanças relacionadas ao fenômeno de diglossia, conforme Ferguson (1959), em que duas variedades ou línguas têm *status* diferentes. Neste contexto, a língua de substrato pode perder características basiletais passando a uma base mais acroletal (ficando, portanto, mais próxima à língua de prestígio das esferas governamentais). Em Cabo Verde, no entanto, conforme Lopes (2016), há uma tendência ao uso da língua cabo-verdiana em contextos orais solenes e escrita informal. Ao mesmo tempo, ocorre uma extensão do português em vários âmbitos. Segundo a autora,

O uso da LP prevalece claramente na interação com: os professores (69.4%), os superiores hierárquicos (50.3%), na sala de aula (59.2%) e para rezar/orar (58.9%), destacando-se, neste último caso, o valor quase igual da LCV (15.0%) e da LCV/LP (14.6%), havendo que ter em conta que, no caso da Igreja católica, religião predominante em Cabo Verde, muitas orações são em português (LOPES, 2016, p. 136).

O cabo-verdiano é a primeira língua adquirida pelos habitantes de Cabo Verde, sendo a segunda a língua portuguesa, considerada a língua oficial, conforme Artigo 9.º da Lei Constitucional n.º 1/V/99, de 23 de novembro, lei que também informa que o Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa. Como Cabo Verde passou por situação sócio-histórica de colonialismo, as repercussões aparecem refletidas em muitas esferas, dentre as quais a linguística, influenciando tanto a visão que se tem sobre a própria língua como a criação de medidas de promoção da língua materna.

Pereira (2000) demonstra preocupação em relação aos grupos bilíngues da comunidade cabo-verdiana, tendo em vista apropriação de formas portuguesas, as quais são, total ou parcialmente, adaptadas ao sistema cabo-verdiano, do que resultam mudanças sintáticas ou semânticas. Para Blommaert (2014a), o problema está em definir as línguas minoritárias como *domésticas* ou *da comunidade*, não *do progresso*, *da ciência* ou *dos*

*negócios*, por isso é preciso “quebrar esse círculo de desigualdade na linguagem” (p.75), o que “requer romper com nossas crenças linguístico-ideológicas fundamentais; requer um olhar diferente sobre as realidades da língua na sociedade.” (p. 75).

Nesse contexto de convivência linguística, da esfera oficial à familiar, ora uma se sobressai, ora outra, o que gera, por vezes, interferências, interessando-nos particularmente aqui a morfologia verbal de codificação de situações passadas, o que tendemos a caracterizar como cruzamento linguístico (*crossing*). A priori, poderíamos supor que se trata apenas de acomodação (na acepção de Trudgill, 1986), considerando que a língua portuguesa tem prestígio na comunidade, mas, segundo Trousdale (2011), a acomodação ocorre mais frequentemente nos níveis fonológico e lexical, preferencialmente ao morfossintático, tanto entre dialetos quanto entre línguas. Dessa guisa, parece-nos mais apropriado pensar na utilização de morfemas do português em codificação de situações passadas, em enunciados proferidos em cabo-verdiano, como um caso de cruzamento, que tende a se regularizar em alguns contextos.

Para tratar dessa temática e investigar se estamos diante de um processo sistemático ou de aleatoriedade (já que nossa hipótese acerca do cruzamento decorreu de uma evidência aqui, outra acolá), consideramos exemplos reais de escrita e de fala, provenientes da *webpage* <https://www.dexamsabi.com> e do jornal Cabo Verde Magazine (<https://www.youtube.com/watch?v=8feBIsI6Eps>). A escolha das fontes é motivada por popularidade e ampla circulação: o site *Dexamsabi.com* apresenta notícias, porém viabiliza a participação popular por meio do envio de histórias e opiniões; o telejornal Cabo Verde Magazine, ademais de sua diversidade temática e de entrevistados, é um noticiário em língua cabo-verdiana difundido em televisão nacional e no *Youtube*.

### **As categorias Tempo e Aspecto e o sistema verbal da língua cabo-verdiana**

Dado o propósito investigativo sobre convergências entre a morfologia do português e a do cabo-verdiano, tratamos articuladamente, nesta seção, de tempo e aspecto, embora o seja por conveniência expositiva, já que, conforme Givón (1984), as categorias tempo (envolvendo sequenciação de eventos), aspecto (concernente à delimitação de períodos) e modalidade (relativa às noções sobre a realidade) estão sincrônica, diacrônica e ontogeneticamente interconectadas, o que corrobora a perspectiva de Lyons (1977), que observa não haver distinção nítida nem entre tempo verbal e aspecto nem entre tempo verbal e modalidade.

A opção por salientar as categorias tempo e aspecto decorre de nossa perspectiva de correlacionar a morfologia verbal de passado, a qual possui morfemas específicos de tempo

em português e sufixos específicos de aspecto em cabo-verdiano. Para Givón (1984), há dois traços fundamentais à conceituação do tempo: sequencialidade e ponto de referência, traços codificados pela categoria tempo verbal, a qual evidencia, portanto, a relação entre dois pontos no tempo: o ponto de referência e o evento. Ocorre que nem todas as línguas (de acordo com Comrie, 1990) dispõem de formas para indicar que um tempo é anterior a outro. Já o aspecto é uma categoria que evidencia a escolha entre uma descrição perfectiva ou imperfectiva da situação verbal, ou seja, entre diferentes maneiras de representar a constituição de uma situação: como um todo único sem distinção de fases – perfectiva ou em sua constituição interna – imperfectiva (COMRIE, 1981, p. 3).

Lang (2001) considera o verbo a área mais complexa da gramática da língua cabo-verdiana. Descreve que à forma básica de um verbo como *bebe* [beber] podem ser adicionadas três desinências verbais (*-ba* marca a anterioridade; *-du*, a passividade e *-da* a anterioridade e a passividade) e três partículas verbais antepostas: *ta* é um marcador do aspecto imperfectivo, *sa* é um marcador aspectual de duratividade e *al* é o modo da eventualidade. Na esfera da perfectividade, *N ta bebe* [Eu bebo] opõe-se a *N sa ta bebe* [Estou bebendo] com a marca da duratividade (LANG, 2001, p. 240). Quando *bebe* não é marcado por *ta*, mas é a ele adicionado *-ba*, indica uma situação anterior no passado (*N bebeba* [Eu tinha bebido]) porém, quando se trata de verbos estáticos, expressa apenas a noção do passado.

Quint (2000) observa que, morfologicamente, existem dois tempos verbais na língua cabo-verdiana (LCV): presente e passado (passado recente e passado distante), o que a diferencia de sua língua lexificadora (português) e de outras línguas europeias que apresentam três tempos básicos: presente, passado e futuro. De acordo com o autor (2000), existe uma esfera do presente marcada por *ta*, que inclui o futuro e eventos do passado recente (*E ta kanta sabi* [Ele/Ela canta bem]) (p. 236); o passado distante é marcado pela omissão do *ta* e adição de *-ba* ao verbo (*E kantaba* [Ele/Ela tinha cantado.]) (p. 238); o futuro, por sua vez, é definido contextualmente pelo uso de um advérbio – *E ta kanta manhan*. [Ele/Ela cantará amanhã].

A forma base do verbo (sem um atualizador/marcador – forma não marcada) geralmente é compreendida como um evento do passado, exceto quando se trata de um verbo estático, cuja acepção é de presente (*N gosta di nha sidadi* [Eu gosto da minha cidade]). Um verbo dinâmico forma o tempo passado com a ausência do *ta* que, se adicionado antes do verbo, marca o tempo presente como em: *N studa onti* [Eu estudei ontem] versus *N ta studa* [Eu estudo].

Pode ocorrer, ainda, marcação verbal por *dja* em referência a uma ação anterior à enunciação, mas que continua até o seu proferimento: *Dja N studa* [Já estudei]. Para atualização da progressividade, há o marcador *sata*, usado como *sta* na capital do país, cujas variantes, nas áreas rurais, são: *aita* e *ata*. Quint (2000; 2008), Pratas (2007) e Jacobs (2011) consideram a forma *sata* como um único marcador aspectual, diferentemente de Lang (2001), que considera dois marcadores (*sa ta*).

Pratas (2007) defende que *sata* e *ta* não ocorrem na mesma frase na forma progressiva, como em *N sata studa manenti* [Estou estudando no momento]. Sintaticamente, nunca aparecem juntos ao verbo, portanto *sata/sta* é um verbo auxiliar e não um morfema de tempo, modo ou aspecto. Embora haja diferença entre *sta*, *ta* e *sata*, quando outros marcadores estão presentes, semanticamente são semelhantes.

Convém destacar que *ta*, como marcador *realis*, pode expressar um presente habitual ou um passado habitual (TAVARES, 2012, p.23); como marcador *irrealis*, *ta* pode expressar condicional e futuro (SUZUKI, 1994), semelhantemente a outras línguas crioulas. Ainda, conforme Silva (1990), quando *ta* é utilizado com o marcador *-ba* após o verbo, refere-se a um passado habitual ou condicional.

De acordo com Pratas (2007) e Tavares (2012), tempo, modo e aspecto em cabo-verdiano são definidos, também, por meio do contexto, advérbios temporais, entonação e pausas na fala. Algumas palavras que, geralmente, são identificadas como marcadores do tempo, modo e aspecto podem, em alguns contextos, ser um verbo copulativo (*sta* [estar]), um advérbio ou conjunção, como *dja* com o sentido de ‘agora’, ‘então’ ou ‘portanto’. Há, outrossim, o caso de *-al* que, além de fazer referência à expressão de desejos ou previsões, também pode expressar dedução (‘deve ter...’); o caso de *ta* que aparece como opcional progressivo em: *E sta (ta) studa*. [Ele/Ela está estudando] e o caso da expressão condicional, que, de acordo com Pratas (2007), pode ser identificada contextualmente por meio da conjunção ‘*si*’ [se].

Veiga (1982), ao propiciar registro do sistema linguístico do cabo-verdiano, que, desde sempre foi de tradição oral, denominado erroneamente de dialeto ou língua sem regras, evidenciou a saliência da categoria aspecto ao apresentar eventos passados. Comparando-se tal descrição aos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito em português, observa-se que  $\emptyset$  corresponderia ao pretérito perfeito (*N studa onti* [Estudei ontem]); à estrutura do pretérito imperfeito corresponderia *ta -ba* (*N ta studaba txeu anu pasadu* [Eu estudava muito no ano passado]) e à do mais-que-perfeito também corresponderia *-ba*, como em: {*Kantu bu txiga*} *dja N kumeba*. [Quando chegaste eu já tinha comido].



Observe-se que, em cabo-verdiano, não ocorre a flexão verbal, sendo as noções de tempo e aspecto expressas por meio de atualizadores verbais – *ta*, *sa ta*, *al*, *ba*, *du*, *da* (VEIGA, 2002): *ta* indica aspecto não realizado (N *ta studa* manhan [Estudarei amanhã]); *sa ta* refere-se ao aspecto progressivo no passado (N *sa ta studaba* kantu bu txiga. [Estava estudando quando você chegou]); *al* indica aspecto eventual (N *al studa* anu ki ta ben [Eu hei de estudar no próximo ano]); *-ba* é utilizado para aspecto não realizado no passado/sentido condicional e aspecto progressivo no passado (Si bu *studaba*, bu ta traba bon nota [Se tivesses estudado, terias boas notas]); *-du* refere-se ao aspecto não realizado com sujeito indeterminado (Ka ta *studadu* ku muzika [Não se estuda ouvindo música]) e *-da* indica passado ou condicional hipotético com sujeito indeterminado (Unbes ta *studada* txeu [Antigamente estudava-se muito] /Si ta *studada*, ta trada bon nota. [Se se estudasse, tirava-se boa nota].

Alguns verbos possuem variações, como é o caso de *binha/benba* (passado do verbo *ben – vir*), *tinha/tenba/teneba* (passado do verbo *ter*) e *staba/ta staba/stivi* (formas do verbo *estar* no passado e condicional), sendo a estrutura com *ba* a mais próxima do substrato do cabo-verdiano, de acordo com Veiga (1982), pois observou o autor que as estruturas com *-ba* eram mais utilizadas por pessoas que conheciam apenas a língua cabo-verdiana, já *tinha* era uma forma bastante utilizada por pessoas em contato com a língua portuguesa. Para Quint (2000), no entanto, o sufixo *-ba* do cabo-verdiano advém do morfema *-va* do português, sendo uma das razões o fato de o fonema /v/ tornar-se sistematicamente /b/ em variedade mais antiga do cabo-verdiano.

Veiga (2002) mostra, outrossim, estruturas compostas, tais como a estrutura ‘N *tinha sidu skodjedu.*’ [Eu tinha sido escolhido], indicativa de passado anterior, e ‘Dja N *tinha sidu dja.*’ [Já tinha sido já], indicativa de passado anterior recente, para além das formas evidenciadas na descrição de 1982, em que passado anterior e passado anterior recente eram ilustrados via estruturas simples: ‘N *skodjedu.*’ (com aceção de passado anterior) e ‘Dja N *serba dja.*’ (com aceção de recente).

Ademais, observa-se menção, na descrição mais recente, ao particípio presente *sendu* (sendo) e ao particípio passado *sidu* (sido), como em: “Purtuges e língua oficial *sendu kabuverdianu uniku* língua di abranjensia nasional” [O português é a língua oficial sendo o cabo-verdiano a única língua de abrangência nacional] e *Nu ten sidu bon alunu* [Temos sido bons alunos].

Considerando-se que esses marcadores aspectuais, anteriormente descritos, nem sempre são utilizados quando alguém fala em cabo-verdiano, porém outros que, formalmente, assemelham-se ao português, língua lexicalizadora do crioulo cabo-verdiano, analisamos o

fenômeno via *crossing*, o qual se refere ao uso de língua ou variedade pertencente a outro grupo social (RAMPTON; CHARALAMBOUS, 2012).

Se *crossing* é um fenômeno linguístico ligado à identificação com um outro grupo social, seria guiado por ideologias linguísticas. Para Rampton e Charalambous (2012), a conjuntura histórica é um dos aspectos essenciais em análise linguística que envolve *crossing*, já que esse fenômeno implica a utilização de indexadores com conotações sócio-simbólicas. Em muitos casos, formas de outra língua indexam nível de respeito, distanciamento social do interlocutor, características identitárias, evidenciando um papel social diferente daquele expresso pela forma linguística da língua veiculada no discurso como um todo. A indexicalização de outras formas linguísticas aponta para identidades culturais e sociais por meio de categorias gramaticais (BLOMMAERT, 2014b).

De acordo com Rampton (1995), *crossing* ocorre quando um falante faz uso incomum de uma língua ou forma linguística, que não seria realizada no diálogo corriqueiro. Dessa guisa, hipotetizamos que o uso de morfologia suplantada seja um caso de *crossing*, já que os indivíduos falam em cabo-verdiano nas situações diárias (situações que usamos como mote para análise de dados), porém não alternam o cabo-verdiano com a língua portuguesa, apenas inserem categorias do português em alguns dados, variando-se o uso entre uma forma cabo-verdiana e uma portuguesa para a marcação de uma mesma categoria, como a de aspecto imperfectivo, por exemplo.

Diferentemente de *code-switching*, fenômeno em que o falante ora usa um código, ora outro, não pressupondo transgressão de normas linguísticas de um ou outro código (RAMPTON, 1995), *crossing* implica a utilização do código que menos se espera durante a interação. A tendência de integração de elementos da língua portuguesa na língua nacional cabo-verdiana é perceptível ainda que de forma sutil, o que pode ser resultante de situações correlatas como diglossia e alternância de códigos em Cabo Verde, reflexo de políticas e ideologias linguísticas. Embora a língua portuguesa seja a língua oficial, a sociedade cabo-verdiana não interage em língua portuguesa cotidianamente, o que torna relevante a problematização em torno desses conceitos.

### **Descrição e análise de dados**

Em princípio, nossa pretensão foi apenas ilustrar cruzamentos entre a morfologia do português e do cabo-verdiano para codificação do passado, sem perspectiva quantitativa, o que fizemos, buscando evidências em excertos mais atuais (da última década) provenientes de uma página de artigos de opinião do *Facebook*: <https://www.dexamsabi.com>, cujo conteúdo



tem ampla divulgação, visando a comprovar empiricamente mudanças observadas por descrições da língua cabo-verdiana citadas no decorrer deste artigo. Convém observar que, por ser uma página informal, os textos não seguem o Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano (ALUPEC), o qual ainda não é utilizado por grande parte da população no dia a dia. Localizamos 37 formas verbais com marcadores aspecto-temporais de passado em onze excertos analisados, os quais contêm informações repassadas pelo jornalista/conteudista ou por seguidores, conforme distribuição a seguir:

- três excertos de “FredKed: ‘Nha arte vira mas maduro’ em entrevista”, um do conteudista e dois de entrevistados;
- um excerto de “Jornalista cabo-verdiana ganha prémio africanu di jornalismo”, proveniente de texto do conteudista/jornalista;
- dois excertos de “Rui Aguas xplica razon di si saida di seleson di Cabo Verde na prugrama di televizon na Portugal”, provenientes de texto do conteudista/jornalista;
- três excertos de “Cabo Verde recebi mais un militante di Al-Qaida ki staba prezu na Guantanamo”, também provenientes de textos do conteudista/jornalista;
- um excerto de “Dezabafu di Dapox – Gosi e momento de Reflexao Sobri Vida”, de texto de entrevistado e
- um excerto de “Nsta na Portugal nkre casa ku um alguem ki sta na Cabo Verde!”, de artigo de opinião de leitor.

Considerando-se que a escrita é mais monitorada, resolvemos ampliar a amostra ilustrativa, partindo da hipótese de que encontraríamos mais dados de convergência com o português em *corpus* oral. Para tanto, consideramos o telejornal Cabo Verde Magazine de 15 de junho de 2022, com duração de 35 minutos e participação de um apresentador, onze entrevistados e seis repórteres. É o primeiro e único jornal em língua cabo-verdiana transmitido todos os dias, às 17h. Escolhemos o dia 15 por ter vários participantes e assuntos que trazem contextos variados, como associação dos idosos, festival de música, formação de pescadores, problemáticas em um bairro e assuntos políticos. Como encontramos 77 formas de codificação de eventos passados, para manter uma aproximação em relação aos dados de escrita, não investigamos, no momento, outras edições do jornal. No conjunto desses 77 dados, há poucos casos de convergência em codificação de passado perfectivo com formas simples, estando a maioria das convergências em estruturas imperfectivas e compostas.

De posse desse conjunto de dados, verificamos a relação entre propostas de descrição linguística com ênfase em tempos do passado e usos do cabo-verdiano por indivíduos que, geralmente, têm contato com a língua cabo-verdiana e com a língua portuguesa, o que pode

implicar interferências, pois o português é a língua de prestígio, mesmo sendo o cabo-verdiano a primeira língua.

Para codificação do aspecto perfectivo no passado, utiliza-se a base verbal, sem um marcador aspectual, portanto, há Ø para o perfectivo, como observamos em (1) e (2) – ‘*obi*’/‘*sufri*’ (respectivamente, na escrita e na oralidade). Observamos, outrossim, as formas *stevi/teve* previstas por Veiga (2002), como exemplificamos em (3) e (4), porém não apontadas em pesquisas de natureza basilectal, como a realizada por Alexandre (2019), que registra *staba*.

(1) (...) Nhas avos e tios e nha mãe sempri staba lah pa mi kuando n mesteba es pa daba mi consedju, e sempri n *obi* kues (...) [(...) Meus avôs, tios e minha mãe sempre estavam lá por mim quando precisei que me dessem conselhos e eu sempre os *ouvi* (...)]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2015/08/fredked-nha-arte-vira-mas-maduro-em.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

(2) (...) ku izolamentu sosial, djentis di tirsera idade *sufri* txeu tipu di violência (...). [(...) com o isolamento social, as pessoas da terceira idade *sofreram* vários tipos de violência (...)].

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

(3) (...) Carla era un di kes 32 finalistas di 15 paizes africanos ki *stevi* prezenti na Nairobi, ê ganha na categoria di ‘Portuguese Language Print’ (...) [Carla era uma das 32 finalistas dos 15 países africanos que *estiveram* presentes em Nairóbi, ganhou na categoria ‘*Portuguese Language Print*’.]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2015/10/jornalista-cabo-verdiana-ganha-premio.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

(4) (...) alen di workshop y konfrensias ki kontise es parmanhan, *teve* ... (nome dos artistas) (...) [(...) além de *workshop* e conferência que ocorreu nesta manhã, *teve* ... (nome dos artistas) (...)]

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

Deparamo-nos, também, com formas como ‘*foi prezu*’/‘*foi konstruidu*’, conforme exemplos em (5) e (6), as quais apareciam como *prendedu/konstruidu* em cabo-verdiano basiletal.

(5) (...) Ê *foi prezu* duranti un troka di tiros (...) [(...) *Foi preso* durante uma troca de tiros (...)]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2016/12/cabo-verde-recebi-mais-un-militante-di.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

(6) (...) Boavista sa ta resebi fera di livru desdi ki ses parseria ki *foi konstruidu* dja ten menus di un anu. [Boa Vista está recebendo Feira do Livro desde o início da parceria que *foi construída* há menos de um ano.]

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

A codificação de imperfectivo passado, em geral, segue com *-ba*, conforme exemplo (7), corroborando as descrições apresentadas na literatura, no entanto, podemos constatar algumas variações: *tinha/binha*, como variantes de *tenba/teneba*, *benba*, e *obia* em vez de *obiba* em (8) e (9); *devia* em vez de *debeba* em (10); *podia*, em lugar de *podeba*, em (11); *kria para kreba* em (12), e *sabia* como variante de *sabeba* em (13). Tais usos apontam convergência linguística entre a morfologia do cabo-verdiano e a do português, formas já atestadas em gramáticas e descrições oitocentistas (COELHO, 1880; COSTA e DUARTE, 1886; PARSONS, 1921), para um subconjunto de verbos estativos.

(7) (...) Nhas avos e tios e nha mãe sempri *staba* lah pa mi kuando n *mesteba* es pa daba mi consedju, e sempri n obi kues (...) [(...) Meus avôs, tios e minha mãe sempre *estavam* lá por mim quando *precisava* que me dessem conselhos e eu sempre os ouvi (...)].

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2015/08/fredked-nha-arte-vira-mas-maduro-em.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

(8) (...) Na ladu di rap, sempri n *tinha* um interesi nel. Sempri n ta *obia* Eminem. (...) [(...) Sobre o rap, sempre *tive* interesse. Sempre *ouvia* Eminem.]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2015/08/fredked-nha-arte-vira-mas-maduro-em.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

(9) (...) N ta dizejaba ki nhos *binha* li dipos di meianoiti (...) [(...) desejava que *tivessem vindo* depois da meia-noite (...)]

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

(10) (...) segundo un *acordo verbal era* Federação Portuguesa de Futebol (FPF) ki *devia* paga salariodi Rui Aguas ( Rui Aguas *fla* ma FPF so *cumpremeti* en djobi ajuda djunta di FIFA) (...). [Segundo um *acordo verbal era* a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) que *devia* pagar o salário do Rui Aguas (Rui Aguas *disse* que FPF só se *comprometeu* em procurar ajuda junto à FIFA).]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2016/01/rui-aguas-xplica-razon-di-si-saida-di.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

(11) (...) informasons ki *podia* ser uzadupa abati y sequestra avions (...) [(...) informações que *podiam* ser usadas para abater e sequestrar aviões. (...)]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2016/12/cabo-verde-recebi-mais-un-militante-di.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

(12) (...) n *kria* sabi se sem sta na trabadjo si el pode bem? (...) [(...) Eu *queria* saber se sem estar trabalhando ele pode vir? (...)]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2021/06/nsta-na-portugal-nkre-casa-ku-um-alguem.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

(13) (...) ten alguns ki nu ten alguns kunhisimentu ma ten ...ten txeu ki nu ka *sabia*. [(...) temos conhecimento de alguns, mas tem...tem outros que não *conhecíamos* (...)].

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

O passado anterior, segundo Veiga (1982), ocorre por meio do uso de *-ba* como em: *N kumeba/N serba* [Tinha comido/Tinha sido]. Por sua vez, Veiga (2002) descreve uma outra estrutura com *-du*: *N tinha kumidu/N tinha sidu* [Eu tinha comido/Eu tinha sido], composta como em português, uso localizado em nossa amostra, conforme ilustramos a seguir. Observamos, nesse caso, tendência à incorporação de formas analíticas (com verbo auxiliar mais partícipto), estrutura já evidenciada na literatura para o passado anterior (*Dja N tinha sidu dja* [Já tinha sido] / *Dja N tinha kumidu dja* [Já tinha comido]), porém com uma diferença: utilização do vocábulo *dja* [já].

(14) (...) paiz ki na 2010 dja *tinha recebido* un otu prezu di Guantanamo (...) [O país já *tinha recebido* um outro prisioneiro da Guantanamo em 2010.]

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2016/12/cabo-verde-recebi-mais-un-militante-di.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

(15) (...) jiston di rizidus *ten sidu* un dizafiu na konselhu di Praia (...) [(...) gestão de resíduos *tem sido* um desafio no conselho da Praia (...)]

Disponível em: Cabo Verde Magazine (15 de junho de 2022).

Comparando-se usos conservadores (divergentes entre o cabo-verdiano e o português) e usos inovadores (convergentes à morfologia do português), os dados coletados estão assim dispostos:

Tabela 1 – Marcação aspecto-temporal de situações passadas em cabo-verdiano – dados escritos

Aspecto	Forma divergente do português	Forma convergente ao português
Passado Perfectivo	7/8	1/8
Passado Imperfectivo	9/26	17/26
Passado com forma participial	0/3	3/3

Fonte: elaborada pelos autores.

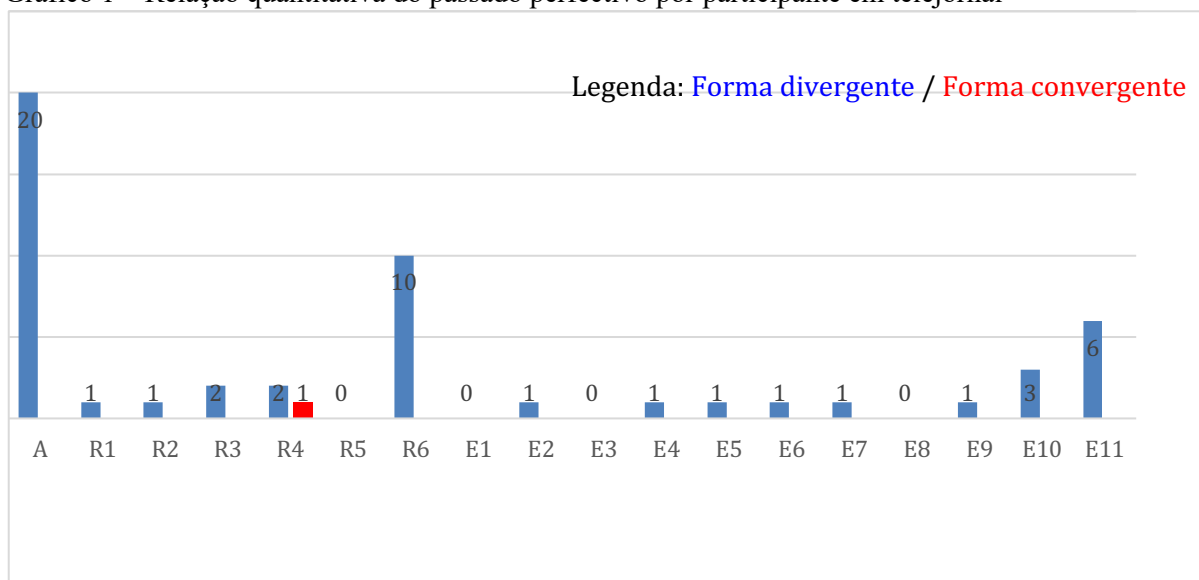
Tabela 2 – Marcação aspecto-temporal de situações passadas em cabo-verdiano – dados orais

Aspecto	Forma divergente do português	Forma convergente ao português
Passado Perfectivo	51/52	1/52
Passado Imperfectivo	05/09	04/09
Passado com forma participial	09/16	07/16

Fonte: elaborada pelos autores.

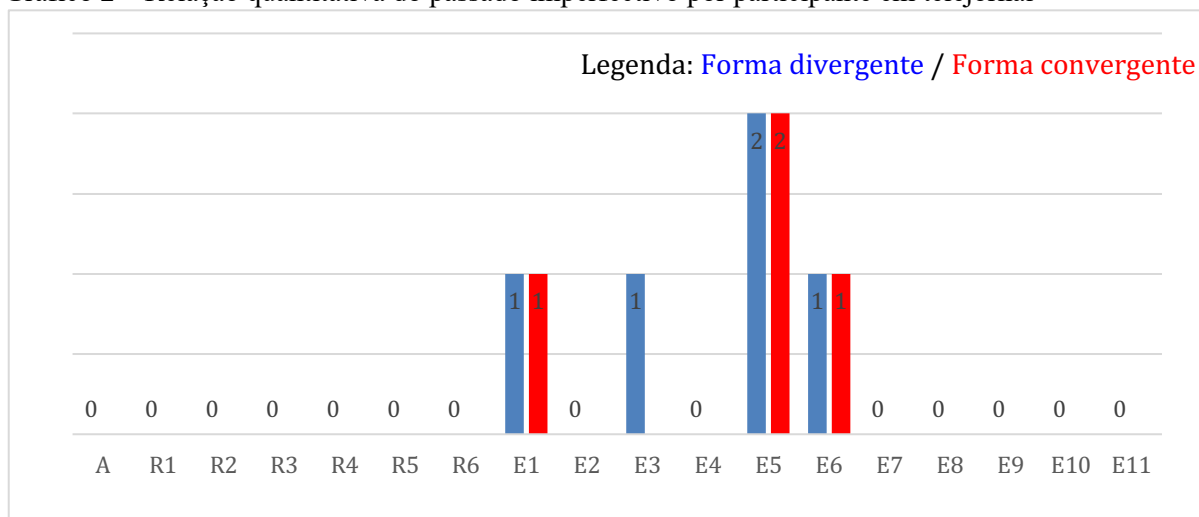
Reanalizando os dados orais, observamos que há mais formas morfológicas do português quando o passado é imperfectivo ou quando há participio em pauta. Os gráficos que seguem mostram os dados distribuídos por apresentador (A), repórter (R1, R2, R3...) e entrevistado (E1, E2, E3...), estando as formas convergentes ao português destacadas em vermelho.

Gráfico 1 – Relação quantitativa do passado perfectivo por participante em telejornal



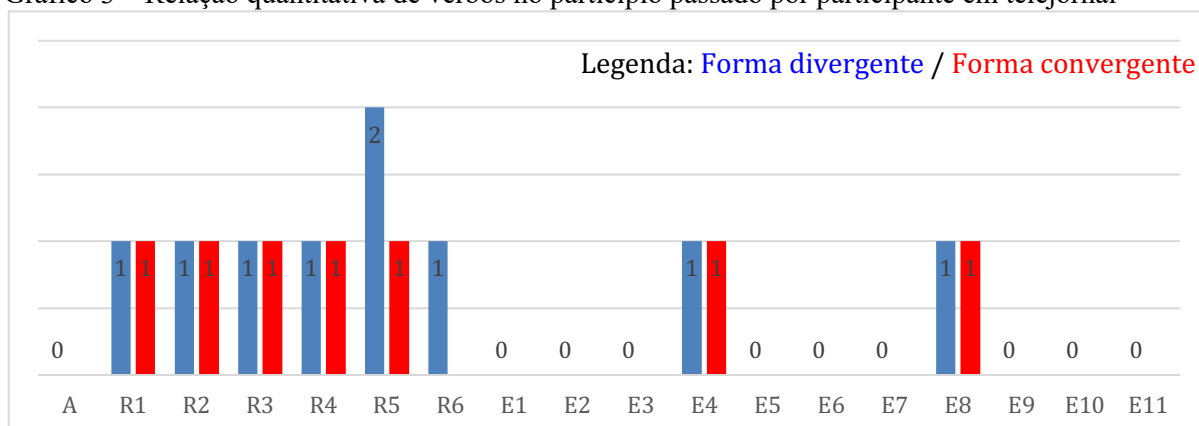
Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Relação quantitativa do passado imperfeito por participante em telejornal



Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 3 – Relação quantitativa de verbos no particípio passado por participante em telejornal



Fonte: elaborado pelos autores



Observamos que há interferência do português, pelo uso da terminação *-ia*, bem como de estruturas compostas com participio, sendo possível atestar cruzamento linguístico. A questão que paira remonta a discussões sobre o que isso significaria ao cabo-verdiano basilectal: possivelmente, isso significa *crossing* em situação de bilinguismo, já que, para seguir uma tese sobre descrioulização, o contato linguístico teria de funcionar somente em uma direção, mas o fato é que a L2 (o português) também é influenciada pela L1 (o cabo-verdiano), logo não parece estarmos diante de um processo unidirecional, como a teoria de descrioulização sugere.

Considerando-se a perfectividade, surgiram 08 dados na escrita e 52 na oralidade, com apenas um deles em cada modalidade, aproximando-se da forma em português, como ilustramos em (16):

(16) Carla era un di kes 32 finalistas di 15 paizes africanos ki *stevi* prezenti na Nairobi (...) [Carla era uma das 32 finalistas de 15 países africanos que *estiveram* presentes em Nairobi (...)].

Disponível em: <https://www.dexamsabi.com/2015/10/jornalista-cabo-verdiana-ganha-premio.html#:~:text=Carla%20era%20un%20di%20kes,Na%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D%20na%20Julho%20di%202014>. Acesso em: 5 jan. 2023.

Há, inclusive, recorrência das formas participiais nas duas amostras: *ten stadu* em vez de *stadu*, *foi konstruidu* no lugar de *konstruidu*. A voz passiva, no cabo-verdiano basilectal, por exemplo, não apresenta estruturas compostas: é marcada pelos sufixos *-du* e *-da*, para expressar ações sofridas pelo sujeito e para designar uma ação em que o sujeito é coletivo ou indefinido (QUINT, 2000).

A análise que aqui se apresentou foi um primeiro passo de uma longa caminhada para mostrar efeitos de *crossing*. Além de chamar atenção ao fenômeno, ilustramo-lo (por meio de 114 dados) e problematizamos sua categorização. Notamos uso de elementos do português no cabo-verdiano (neste artigo, mostramos um caso em âmbito morfológico), mas poderia ocorrer o processo inverso, ou seja, interferência da L1, o cabo-verdiano, na L2. Esperamos que, dessa discussão, surjam outras, tanto em morfologia quanto em outros níveis gramaticais.

### **Considerações finais**

Os graus de convergência entre cabo-verdiano e português podem ser vistos em outros âmbitos, porém, neste artigo, detivemo-nos em análise da marcação de situações passadas,

apresentando um processo que pode conduzir à fossilização de algumas particularidades linguísticas (nos termos de Selinker e Lakshaman, 1992), estabilizando um novo sistema.

As línguas crioulas tendem a se aproximar da sua língua de superestrato, tornando-se mais acroletal (mais próxima à língua de prestígio), fenômeno que decorre, dentre outros fatores, talvez, da ausência de políticas linguísticas que visem à valorização da língua materna. Dessa forma, surge uma variedade acroletal e, assim, ocorre a convergência linguística, um processo por meio do qual duas ou mais línguas em contato se aproximam (de acordo com Thomason, 2001).

Ao discutir cruzamento linguístico e mostrar alguns dados, não pretendíamos esgotar o tema, nem poderíamos, mas apresentar o fenômeno, legitimá-lo via dados reais, ademais de levantar polêmica sobre mudança ou estabilidade: nós o tratamos como um caso de *crossing*, aventando uma situação de mudança em emergência, mas poderiam estar as formas em variação desde longa data, o que só poderia ser confirmado via análise diacrônica.

## Referências

- ALEXANDRE, N. Aquisição de Português L2 em Cabo Verde: alguns aspetos morfossintáticos do contacto. In: ARAÚJO, G.; JEFERSON, P.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Português Falado na África Atlântica**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019, p. 139-163.
- BAPTISTA, M. **The syntax of Cape Verde Creole: the Sotavento varieties**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- BESTEN, H.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. Theories focusing on the European input. In: ARENDES, J.; MUYSKEN, P.; NORVAL, S. (Orgs.). **Pidgins and creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1994, p. 87-98.
- BICKERTON, D. **Roots of language**. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- BLOMMAERT, J. **Diglossia and Language Contact: Language Variation and Change in North Africa**. Cambridge: University Press, 2014a.
- BLOMMAERT, J. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, D.; FERREIRA, D.; ALENCAR, C. (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014b, p. 67-76.
- COELHO, A. Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa** 2(3), p.129-196, 1880.
- COSTA, J. V. B.; DUARTE, C. J. O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa** 6(6), p. 325-388, 1886.

DUARTE, D. A. **Cabo Verde**: Contribuição para o estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago. Lisbon: Junta de Investigação do Ultramar, 1961.

DUARTE, D. A. **Bilinguismo ou diglossia?** 2. ed. Praia: Spleen- Edições, 2003.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FERGUSON, C. A. Diglossia. **Word**, vol. 15, p. 325-340, 1959.

GIVÓN, T. **A functional-typological introduction**. Vol. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.

HOLM, J.; SWOLKIEN, D. Inflections in 19th c. upper guinea creole texts. **Revue Roumaine de Linguistique**, 54 (3-4), p. 231-252, 2009.

JACOBS, B. Cape Verdean TA in Its Role as a Progressive Aspect Marker. **Papia**, 21(2), p. 315-334, 2011.

LANG, J. Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde). **Santa Barbara Portuguese Studies**, Califórnia, v. 5, p. 228-254, 2001.

LANG, J. **Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Erlangen: FAU, 2018.

LOPES, A. M. **As Línguas de Cabo Verde**: uma radiografia sociolinguística. Praia: Edições Uni-CV, 2016.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

PARSONS, E. C. Folk-Lore from the Cape Verde Islands. **The Journal of American Folklore**, vol. 34, no.131 p. 89-109, 1921.

PECK, S. **Tense, aspect and mood in Guinea-Casamance Portuguese Creole**. Ph.D. dissertation, UCLA, 1988.

PEREIRA, D. Descrioulização lexical no contacto entre o caboverdiano e o português. **Revista Galega de Filoxía**, no.1, p. 175-185, 2000.

PRATAS, F. **Tense features and argument structure in Capeverdean predicates**. 2007. 351p. Ph.D. dissertation – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007.

QUINT, N. **Grammaire de Langue Cap-Verdienne**: Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais. Paris: L'Harmattan, 2000.

QUINT, N. Les apontamentos de António de Paula Brito (1887) ou la naissance d'une tradition grammaticale capverdienne autochtone. **HEL - Histoire Épistémologie Langage**, Les Ulis, v. 1, n. 30, p. 127-153, 2008.

RAMPTON, B. **Crossing: Language and Ethnicity among Adolescents**. London: Longman, 1995.

RAMPTON, B.; CHARALAMBOUS, C. Crossing. In: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (Orgs.) **The Routledge Handbook of Multilingualism**. 1st. Edition. London: Routledge, 2012, p.1-16.

SELINKER, L.; LAKSHAMAN, U. Language transfer and fossilization: the multiple effects principle. In: SELINKER, L. (Org.). **Language Transfer in Language Learning**. Philadelphia, Revised Edition, 1992, p. 197-216.

SILVA, I. S. Tense and Aspect in Capeverdean Crioulo. In: SINGLER, J. V. (ed.). **Pidgin and Creole Tense-Mood-Aspect Systems**. Amsterdam: John Benjamins, 1990, p. 143-168.

SUZUKI, M. **The markers in Cape Verdean CP**. Unpublished manuscript, CUNY, 1994.

TAVARES, B. **The Verbal System of the Cape Verdean Creole of Tarrafal, Santiago: A Semantic Analysis of the Tense, Mood and Aspect Markers**. 2012. 125p. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

THOMASON, S. G. **Language Contact: An Introduction**. Edinburgh/Washington: Edinburgh University Press and Georgetown University Press, 2001.

TROUSDALE, G. Variation and education. In: MAGUIRE, W.; MCMAHON, A. (Orgs.) **Analysing Variation in English**. Cambridge University Press, 2011, p. 261- 279.

TRUDGILL, P. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

VEIGA, M. **Diskrison strutural di lingua Kabuverdianu**. Lisboa: Institutu Kabuverdianu di Livru, 1982.

VEIGA, M. **O Caboverdiano em 45 lições: estudo sociolinguístico e gramatical**. Praia: INIC, 2002.

### **Sobre os autores**

*Diltino Ferreira* (<https://orcid.org/0000-0002-4688-2227>)

Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Ceará – UECE; aluno do Curso de Doutorado em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC como bolsista da CAPES; integrante do *Projeto Línguas & Histórias* (Variação, multifuncionalidade e mudança em perspectiva sociofuncionalista e sócio-histórica). Áreas de atuação: Sociolinguística, Políticas Linguísticas e Linguística Histórica.

*Márluce Coan* (<https://orcid.org/0000-0001-7809-8624>)

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; tem pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela – USC; é professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC; é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2 e coordena o *Projeto Línguas & Histórias*

(Variação, multifuncionalidade e mudança em perspectiva sociofuncionalista e sócio-histórica). Áreas de atuação: Sociolinguística, Funcionalismo, Sociofuncionalismo e Linguística Histórica.

Recebido em fevereiro de 2023.

Aprovado em abril de 2023.